

ANTÍFONA LÚGUBRE



2 CONTOS DE
PAULO FODRA

e-contos



A FROTA DO DIABO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Créditos

Copyright 2013 Editora Estronho

Fotografia de capa: Bowie15

Capa e Diagramação: Marcelo Amado

Revisão: Celly Borges

Editor Responsável: Marcelo Amado

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Antífone Lúgubre; Frota do Diabo, A /

Fodra, Paulo. --

1. ed. -- Belo Horizonte : Editora Estronho, 2013.

1. Contos brasileiros - Fodra, Paulo. 869.93

Todos os direitos da obra reservados a Paulo Fodra

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Estronho Ltda

Belo Horizonte - Minas Gerais

Página Oficial: www.editora.estrinho.com.br

Facebook: www.facebook.com/estrinhobook

Twitter: @estrinho.

ANTÍFONA LÚGUBRE

*"A morte não é nada para nós,
pois, quando existimos, não existe a morte,
e quando existe a morte, não existimos mais"*

Epicuro

ATO I – INEVITÁVEL

NA ESCURIDÃO EM que me encontro, o mundo encolheu. A batida acelerada do coração ecoa no corpo com tal intensidade que temo não ouvir o que se passa lá fora. Esperar. Odeio isso. Em minha juventude, resolvia as coisas no braço. Agora, não sou mais que um esqueleto alquebrado oculto de maneira grotesca nas sombras. Esperar. Eu não tenho alternativa.

Passos firmes e cadenciados ecoam devagar pelo corredor em direção ao meu quarto. A maçaneta gira soltando o trinco e a porta range alto no batente. Prendo a respiração com medo de chamar atenção para o meu esconderijo, alimentando a esperança de que o ladrão pegue o que quiser e vá embora. No entanto, a porta se fecha e eu ouço a chave sendo girada. Percebo, tarde demais, que me esconder no armário não foi uma ideia inteligente. Estou encurralado.

O desespero de não saber o que está acontecendo se apoderou de mim. Encosto o ouvido na porta de madeira para tentar escutar melhor. As pernas tremem e o suor desce pelas costas, que já reclamam da posição incômoda em que me instalei. O cheiro das

roupas limpas, amontoadas para dar espaço ao meu corpo, parece me sufocar.

– Kla-aaaaaus, eu sei que você está aí!

A voz desconhecida é infantil, mas soa clara e segura como a de uma experiente atriz de teatro.

– Kla-aaaaaus! Eu posso ir até aí te buscar, mas não ficará bem para um ex-oficial da Gestapo ser encontrado morto, de cuecas, escondido como uma criança em seu armário. Vou sentar em sua cama e esperar que você saia. Tenho todo o tempo do mundo, mas o seu, infelizmente, acabou.

Um som rouco e abafado sobe pelo meu peito e morre na secura estéril da garganta. Demoro a entender que aquilo era para ter sido um grito.

– O que foi, Klaus? Eu não pareço tão interessante agora? – o tom calculado de falso desapontamento faz minha espinha gelar. – Lembro que você costumava me observar do outro lado da vigia da câmara de gás. Em sua segurança, você se perguntava como eu seria. Fantasiava comigo. Você me desejava, Klaus! O que aconteceu?

Isso fora há muito tempo. Afinal, para que serviam aqueles ratos? Eram a escória do meu país. Eu só queria tirar alguma utilidade de suas vidas miseráveis. Ao contrário de muitos burgueses, sujei as minhas mãos lidando com os impuros e indignos, apenas porque alguém tinha que fazê-lo. Gostava de observá-los morrer. Muitas vezes pensei ter visto a Morte de relance, refletida em alguns pares de olhos baços. Quase sempre de garotinhas.

Descubro que estar do outro lado da vigia é assustador. Sei que não sairei vivo daqui. Também sei que, apesar da grossa porta de madeira, a menina me observa do lado de fora, com a mesma curiosidade que outrora enverguei.

– Você não está excitado, Klaus? – de novo, a mesma ironia. –
Eu estou!

Vejo-me nu e exposto em praça pública. Existem coisas que nunca devem ser proferidas, ou até mesmo insinuadas, em voz alta. Quero abrir a porta e acabar de vez com tudo, mas minha mão não consegue terminar o serviço. Meu braço descarnado desaba sob o som do silvo alto e frenético que havia se tornado minha respiração. Medo. Eu nunca tive medo de morrer. Acho que agora tenho.

Sinto o peso da porta contra minha mão. Preciso apenas de um único gesto. Meu último. Nunca acreditei em céu ou inferno. Não era esse o problema. A vida em si é uma anomalia. Passamos mais tempo mortos do que vivos. A morte é o estado natural das coisas. Era chegada a hora da natureza corrigir a minha afronta. Então percebo que esse pensamento não me reconfortou como quando eu era jovem. O braço falha outra vez.

– Kla-aaaaaus! Viver assim é pior do que estar morto – disse ela, com a voz transbordando de tédio. – Ande logo com isso!

Tremendo, com os olhos cheios de lágrimas, desisto. Enchendo os pulmões de ar como um mergulhador, empurro a porta, encarando o inevitável.

ATO II – NECROPSIA

Daniel oferecera-se para dobrar o turno, pois precisava do dinheiro extra. Mas já estava arrependido. O cansaço pesava como chumbo nas pálpebras e a lombar doía de tanto ficar em pé. A cabeça latejava torcendo-lhe a visão em ondas irregulares. Ora escurecendo o mundo, ora enchendo-o de halos fulgurantes. O inconfundível cheiro da morgue penetrava-lhe as narinas, batendo

direto no coração. O mesmo perfume acre dos pesadelos, que se arrastavam de suas memórias para as intuições do próprio futuro.

Três cadáveres para o fim do expediente. Pensar nisso era como colocar os calcanhares para fora na beira de um abismo, a desculpa que precisava para ceder ao auspicioso chamado da ampola de Fentanil em seu bolso. A agulha fez o seu trabalho e ele voltou ao meu corpo sobre a mesa, ligando o gravador. Sua voz elevou-se, mecânica, para ditar acima do rugido sombrio dos refrigeradores.

[Klaus B., homem, caucasiano, 78 anos. Alemão naturalizado brasileiro. Cabelos brancos, olhos castanhos. Apresenta hematomas nos braços direito e esquerdo, perna esquerda, costas e ventre, sem indícios de trauma aparentes. A pele apresenta lividez excessiva, acompanhada de pequenas petéquias e lesões características de Síndrome Trombocitopenica. Iniciando exame interno].

A droga espalhava-se em sua corrente sanguínea, irradiando uma sensação de relaxamento prolongado da região do umbigo para todo o corpo. Ópio, a Chave do Paraíso. Uma droga bastante antiga e ainda muito eficiente. Na verdade, a versão sintética que injetara em si era cerca de vinte vezes mais potente que a tradicional. E estava à sua disposição no hospital. O bisturi cintilava em cores vívidas e irreais na mão de Daniel, o que o fez ponderar se não exagerara na dose. Com um gesto firme, entalhou um Y distorcido em meu tronco inerte e pôs-se a dissecar os tecidos, soltando-os dos ossos e puxando, para que pudesse analisar os órgãos internos como quem olha através de uma vidraça partida. Separou os *[intestinos de aparência normal para a idade e peso]*, e colocou-os em uma bandeja. Usando uma tesoura, partiu-me as costelas para abrir caminho até os *[pulmões unidos por uma estrutura membranoide atípica, escura, semelhante a tecido necrosado, que também envolve o...]* coração? Onde ele está? No meio daquele negror purulento em meu peito, nada encontrou. A massa disforme pareceu encolher-se ao toque. Daniel recolheu a mão depressa, sem conseguir conter o grito. Estaria alucinando? Com certeza, seria a

conclusão de qualquer um que ouvisse a fita. E se descobrissem o seu vício? Desligou depressa o gravador. Procurou pensar de maneira racional, mas o mundo figurava distante e nublado. A matéria pútrida borbulhou dentro da cavidade torácica. Ilusões químicas? Não ousou verificar. Apavorado, enfiou os intestinos de volta no buraco viscoso e começou a fechar o corpo. As mãos, agora trêmulas, demoraram o dobro do tempo para terminar o serviço.

Antes de incendiar a sala, Daniel lembrou-se do grito gravado na fita. E se ela não fosse destruída pelo fogo? Correu até o aparelho e o ligou pela última vez:

[Rato de merda! Vou reclamar com o pessoal da limpeza... Continuando. Coração, fígado e pulmões apresentam sinais agudos de sepsse. Causa mortis: falência múltipla dos órgãos].

ATO III – NOITE ARDENTE

Labaredas saltavam do prédio, lambendo o céu tardio
Índigo manchado, sanguíneo-violáceo, aurora da loucura,
Sombras bruxuleando no alto, pandemônio ao rés do chão,
Entre fumaça e móveis em brasa o encontraram,
Correndo a esmo em pânico cíclico,
Cabelos em chamas, olhos vidrados em estupor.
O rosto, ex-santuário de sanidade e ciência,
Coberto de fuligem – terrível máscara de guerra,
Feito bardo macabro delirante, transfigurado

Ainda agarrado ao seu instrumento-tocha,
Proclamando, desconexo, o seu lamento:

Nesta pira arde a maldade encarnada

O Velho Algoz, sem coração!

Todo ele um tumor negro feito gente

Uma anomalia morta-viva em convulsão!

Fentanil! Ó, Fentanil, entidade divina!

Ó, Arauto de Morfeu, Morfina!

Arranquem-me da mente a hedionda visão

Livrai-me do mal, Amém!

E libertando-se dos braços uniformizados,

Tolas serpentes – brancas e amarelas – que tentavam aprisioná-lo

Saltou ao encontro dos dentes da morgue ígnea,

Nero soberano, agora morto.

ATO FINAL - ESCURIDÃO

– Por que você não queima? – perguntou Daniel, em meio à violência das chamas.

– Eu não estou aqui da mesma maneira que você – respondeu a garotinha, com sua voz clara e potente.

– Então o que você é, outra alucinação? Uma ilusão provocada pela dor?

– Eu não *sou*. Simples assim!

Os olhos da menina estreitaram-se, enquanto ela descrevia um círculo em torno da tocha humana que era o legista.

– Mas se você *não é*, como pode estar aqui?

Daniel soltava uma fumaça negra pela boca enquanto falava, as labaredas consumindo sua carne sem piedade.

– Eu não estou aqui da mesma maneira que você – ela repetiu, declamando com um suspiro.

– Não vamos chegar a *lugar nenhum* desse jeito – Daniel resmungou, frustrado.

A garota abriu um sorriso lindo e satisfeito:

– Vejo que, a-go-ra, você começou a entender.

– Por que eu sinto que já nos conhecemos? – o legista perguntou, observando atento o rosto da garota. Seus profundos olhos negros destoavam da doce feição infantil.

– Eu estou com você, Daniel, desde o dia em que seus olhos se abriram para o mundo. No momento em que seus pulmões encheram-se de ar pela primeira vez, você passou a ser *meu*. A sua existência não foi mais do que a *minha espera*. A sua espera por mim.

– Qual o seu nome? – Daniel sentia frio, apesar do calor infernal.

– Humanos e seus nomes tolos – ela retrucou, revirando os olhos. – Eu, como *na-da-que-sou*, não tenho nome. Mas vocês me deram muitos. Tânatos, Orcus, Shinigami. A Ceifadora. A Inevitável.

– Você é a Morte? – ele grunhiu, despencando sobre os joelhos.

– Sou apenas o *seu* fim – ela respondeu, tranquila.

– E como é *não ser*?

A garota adquiriu um ar grave e solene, pois eles estavam diante do momento mais delicado da existência humana.

– Eu *sei* – ela acariciou o rosto deformado do legista e libertou a escuridão presa em seus olhos. – Mas você nunca saberá.

A FROTA DO DIABO

NAQUELA NOITE, ARISTIDES precisou de quase uma garrafa de cachaça para conseguir soltar o que o estava chateando.

– Porra, Zé, roubaram meu caminhão!

– Que é isso, Ari? Não me fala uma coisa dessas, homem! Quando foi?

O caminhão era sua grande paixão. Em Sertãozinho, diziam que ele amava a velha carreta Scania 1983 mais do que a própria esposa. Alzira, era como a chamava. Contavam que ele dormia na boleia mesmo quando estava em casa. Teria confessado a alguém que a cama não lhe dava mais conforto. Enquanto Aristides falava, eu via a tristeza boiar no fundo dos seus olhos secos. Compreendi que não se tratava de exagero popular.

– Foi na quarta-feira à noite. Eu peguei a estrada para São Paulo com uma carga de açúcar. Tava um calor desgraçado, eu já tinha tomado quase um litro de água enquanto carregava o caminhão. Saindo de Ribeirão Preto, me bateu uma vontade doida de mijar. Segurei o mais que pude, até a cabeça começar a doer, mas ainda faltava uns cinquenta quilômetros até o próximo posto de gasolina. Então joguei o caminhão no acostamento, liguei o pisca alerta, e corri molhar o mato.

– E foi aí que te abordaram... – incentivei, solidário.

Aristides baixou a cabeça devagar, como se decidisse o que falar. Por fim, murmurou envergonhado:

– Não. Quando eu virei de frente pra estrada, a Alzira não tava mais lá.

Achei que o homem cairia no choro ali mesmo, no balcão. Dei graças a Deus que havia pouco movimento para uma sexta-feira: além dele, havia apenas mais um cliente, semiconsciente, do outro lado do bar.

– Quer dizer que alguém se esgueirou na boleia e fugiu com o caminhão?

– Claro que não, Zé! – erguendo a voz, Aristides socou o balcão tão forte que a garrafa de cachaça tombou. – Eu reconheceria o som da partida daquela carreta a quilômetros de distância! Foi como se ela desaparecesse no ar. Nenhum barulho, nenhuma marca no asfalto. Puxa, eu não levei mais que dois minutos no mato!

– Você checkou os dois lados da estrada? – rebati, erguendo a garrafa antes que ela esvaziasse.

– Sim. Nem sinal da Alzira...

– Como pode um caminhão desaparecer desse jeito? Você tem certeza que...

– Não! Não tenho certeza de nada – ele me interrompeu, irritado. – Me faz um favor, Zé? Eu não estou pedindo pra você acreditar em mim. Pode duvidar, não ligo. Só não me trate como um maluco qualquer, como fez o delegado.

– O Arnaldo zombou de você, Ari?

– O cabra nem prestou atenção! Disse que eu tava de conversa fiada. Que eu tinha era escondido o caminhão pra pegar o dinheiro do seguro. Não quis nem registrar boletim de ocorrência! – Aristides cerrou o punho, a veia do pescoço latejando ódio. – Fiquei sem a carreta e sem a carga. Como vou sair dessa?

Suspirei, sem saber o que dizer. O que o arrogante do Arnaldo tinha feito era errado, mas preferi não comentar. Do jeito que o Aristides estava desesperado, ia acabar fazendo besteira.

– Já me enfiei em todos os bares e paradas de caminhoneiros de Barrinha até Ribeirão Preto. Ninguém viu nada, ninguém sabe de nada – com o rosto afundado nas mãos, ele era a própria imagem do desamparo. – Eu ainda nem fui pra casa. Não tenho coragem de encarar a neguinha. Ela já quis me matar na semana passada, quando eu gastei uma fortuna pra comprar um jogo de pneus novinhos pra Alzira!

O homem na mesa do fundo se levantou e, com passos incertos, caminhou em nossa direção. Era o Tônico Dias, rapaz boa vida e falastrão que deu sorte de casar com a filha de um usineiro de Pontal. Depois que ela morreu em um acidente de carro, ele vivia de bares e festas. Quase nunca estava sóbrio. Uns diziam que ele se culpava pelo acidente. Outros, que a gorda herança recebida o tirara da realidade. O sujeito, que tinha mania de contar histórias absurdas, debruçou-se sobre o balcão e falou em tom sério:

– Eu vi a sua carreta, Ari. Anteontem de madrugada – mesmo saindo aos trancos, sua voz sibilante revelava um controle incomum ao seu estado alcoólico.

Aristides apenas o olhou de soslaio. Com as pernas trançadas brigando pelo equilíbrio, Tônico inspirava qualquer coisa menos credibilidade.

– Tônico, não brinca com uma coisa séria dessas...

– Tô brincando não, Zé! Eu tava voltando de uma festa em Pitangueiras, devia ser bem umas três da manhã. Tava um breu só! Tinha uma neblina esquisita, não dava nem pra saber onde a estrada acabava e o mato começava. Eu vinha bem devagar pra não sair da pista, morrendo de medo de atropelar algum bicho. Sabe?

Um primo meu atropelou um burro... o bicho atravessou o para-brisa e os dois morreram cara a cara. Foi em nov...

– Porra, Tônico! – interrompeu Aristides. – A carreta! Fala da carreta!

Branco de susto por causa da interrupção violenta, o homem olhou pra mim buscando apoio. Apenas dei de ombros, como quem diz: – Eu avisei que o negócio era sério! Começou, agora termina.

– Tá bom, tá bom! – ele engoliu em seco. – Eu ia pela estrada daquele jeito, sem saber direito onde tava, quando uma luz forte avançou pelo lado esquerdo da caminhonete. Pelo jeito da coisa, só podia ser um caminhão. Pensei que fosse morrer. Abaixei dentro da cabine e fiquei esperando a porrada. Então percebi que tinha alguma coisa errada. A luz vinha alta demais. Espiei e vi que era mesmo uma carreta, só que deslizando a cerca de um metro e noventa do chão. Ela atravessou a estrada a toda velocidade, passando por cima de mim. Chegou a tocar o teto da caminhonete, que chacoalhou inteira, e foi embora roçando o topo do mato alto como se fosse uma estrada, até sumir de novo na neblina.

– Você tá querendo me dizer que uma carreta de quarenta e cinco toneladas passou voando sobre você? E que essa carreta era a minha Alzira? Nem vem, Tônico!

– Olha, Ari! Eu sei que parece lorota, mas não é. Eu juro.

– Você tava era doidão, e não só de bebida! Como pode ter certeza de que era o caminhão do Aristides?

– Certeza, certeza, eu não tenho, Zé. Foi tudo muito rápido. Mas ele foi o único cara da região que deu por falta da carreta e...

– Quanta bobagem! – Ari gargalhou alguns trovões. – Conta pra gente o que você tinha tomado, assim quem sabe eu vejo a Alzira voando por aí também!

– Você tá fazendo comigo a mesma coisa que o delegado fez com você! – Tonico esbravejou. – Nem vou te contar o que mais eu descobri!

– Tem mais? – perguntei, incrédulo.

– Porra, Zé! Fala sério! – Ari protestou, falando ainda mais alto.
– Você ainda vai dar corda pras lorotas desse abestado?

– Ué! Se eu já ouvi até agora, que mal tem? Anda, Tonico. Desembucha!

O homem abriu a boca para falar e parou. Os olhos pulavam de um ponto a outro, nervosos. O silêncio se estendeu, e eu cheguei a pensar que o sujeito blefara. Não seria nenhuma novidade para mim. Nessa profissão, ouvir bravatas regadas a álcool era mais do que comum.

– Almocei hoje com o Biagi. Ele tá acompanhando as obras no Engenho Central. Aquilo vai virar um museu, sabia? Coisas da família. Todo dia, bem cedinho, sai um caminhão levando a peãozada daqui pra trabalhar lá.

– Isso já tem quase um ano! – Ari já tinha perdido a paciência.
– Conta algo que eu não sei.

Tonico, irritado com a nova interrupção, apontou o indicador para o rosto do caminhoneiro, como se fosse retrucar. Vacilou, engoliu em seco e retomou a história:

– Quando o caminhão chegou na obra, ontem, os homens estavam nervosos. Alguns deles juraram ter visto uma fila de caminhões na velha estradinha da Fazenda Azul. A vó do Biagi, que os engenheiros da capital fazem questão de manter por lá como “Consultora Histórica” – sabe lá Deus o que é isso –, ouviu toda a história. Vocês conhecem ela? Uma velhinha de noventa anos, com

duas rugas fundas no lugar dos olhos. Um maracujazinho seco que dá medo de quebrar...

– Que tem ela, homem? – dessa vez fui eu que interrompi.

– Ela resmungou algo sobre a Fazenda Azul ser amaldiçoada. Parece que um tal de Bento Carvalho tinha um engenho naquelas terras. Faliu logo que o Coronel Schmidt construiu o Engenho Central. Ele jurou vingança. Saiu por aí dizendo que ia ficar mais rico que o Coronel. Dizem que ele fez até pacto com o diabo!

– E o que aconteceu com ele?

– Morreu dois anos depois, de um jeito horrível. Enquanto tentava trocar, sozinho, um cilindro da moenda, o telhado desabou sobre ele. Deve ter levado um dia inteiro pra morrer. Credo!

O rosto contraído de Aristides transparecia o mesmo mal estar que me apanhou. Ele fez um sinal da cruz. Eu, menos supersticioso, dei um longo suspiro. Tônico continuou, empolgado:

– A velha disse que, nesses anos todos, coisas muito estranhas aconteceram naquela fazenda. Ninguém conseguiu morar muito tempo por lá e a propriedade ficou abandonada um tempão. Pra ela, o fantasma do Bento Carvalho está montando uma frota pra cumprir seu juramento.

– Isso é história pra boi dormir, Tônico! – Aristides não se conformava. – Esse tal fantasma deve ter a mesma idade da velhinha! Por que ia voltar justo agora? No mínimo essa Fazenda Azul foi vendida e estão começando uma obra por lá.

– Não faço ideia, homem. O Biagi tava chateado pra burro porque vários homens desistiram do trabalho no Engenho por conta dessa história. Vindo pra cá, ele disse que viu mesmo algo estranho na estradinha, mas a mata ali é muito fechada e não deu pra ter certeza do que era.

– Lógico! Ninguém nunca tem certeza! – não consegui conter a ironia. Tônico pareceu não se importar.

– Só sei que se forem caminhões abandonados, como o povo anda falando, deve ser mesmo coisa do demo. A estradinha de terra tem uns dois ou três quilômetros. Imagina o tanto de caminhão pra encher aquilo ali? Não iam aparecer assim da noite pro dia!

– Isso é lorota de um bando de maricas! Quero mais saber dessas suas histórias não, Tônico. Vou é embora! – decretou Ari.

– Boa! Vamos todos. Está mesmo na hora de fechar – emendei, pondo um ponto final naquilo com um suspiro aliviado. Eram três da manhã e minha cabeça doía como se próprio diabo a estivesse martelando.

Contrariado, Tônico meteu a mão no bolso e arremessou uma nota amarrotada de cem sobre o balcão.

– Cobra o meu, o do Aristides e fique com o troco! – rosnou, enquanto se virava para ir buscar o chapéu largado sobre a mesa.

Aristides arregalou os olhos e eu fiz um sinal a ele para que não contestasse. Eu só queria ir pra casa.

– Vamos, Ari. Te dou uma carona – ofereci, ao apagar as luzes.

– Tá bom – suspirou, desanimado. – Já tá mesmo na hora de enfrentar a neguinha, né?

Caminhamos os três para frente do bar. Ari parou a fim de me esperar trancar a porta. Tônico, porém, foi direto à sua caminhonete prata, irritado. Manobrou, mais rápido do que o seu estado alcoólico permitia, para pegar a estrada. Passou em frente a nós e o luar reluziu na lataria impecável do veículo, revelando uma sombra estranha na região do teto. Tive a impressão de ver um enorme amassado ali, junto com algo escuro que se parecia com a marca de

um grande pneu. Quis gritar para que o Tônico parasse, mas a voz não saiu e a picape desapareceu estrada abaixo.

Era provável que fosse apenas minha imaginação. Por isso, não comentei nada com o Aristides. No entanto, desconfio que ele também viu alguma coisa. Passou o caminho inteiro quieto, com um brilho esquisito no olhar.

Encostei o carro em frente à casa dele, que ficava na periferia da cidade, próximo à rodovia. Apesar da hora avançada, uma luz se acendeu lá dentro.

– Bom, Ari, boa sorte com a esposa! – acenei com a cabeça na direção da construção, tentando demonstrar empatia.

Ele deu um pulo no banco, como se eu o tivesse arrancado de um sonho.

– Ah... É! Obrigado. Até mais – a resposta dele saiu tão automática quanto desnorreada.

Aristides saltou do carro e bateu a porta. Tratei de sair dali antes que os berros começassem.

...

No domingo à noite, o bar estava lotado. Para os caminhoneiros que estavam longe de casa, era o pior dia da semana. Dia de segurar a saudade. Lá pelas tantas, uma mulher morena entrou no bar. Era muito bonita, embora trouxesse estampada na cara a angústia em forma de olheiras. Abordou algumas pessoas, mostrando a elas um quadrado de papel. Um dos homens apontou para mim e ela veio em minha direção.

– Boa noite, Dotô. Desculpe incomod...

– Zé – interrompi. – Meu nome é Zé.

– Oi, Zé! – ela não se intimidou. – Eu sou a Maura. Tô procurando o meu marido. Disseram que ele vem muito aqui. O sinhô conhece ele?

Ela me estendeu uma foto de um homem sorridente parado em frente a uma carreta Scania.

– Ele foi pra São Paulo na quarta-feira pra levá uma carga de açúcar e ainda não voltou, nem deu sinal de vida. Ele não é de fazê isso, seu Zé! – os olhos dela marejaram, porém ela se recompôs antes que eles transbordassem.

– Conheço sim, dona Maura, mas o Aristides não apareceu aqui essa semana – menti, com a maior cara lavada do mundo. Pareceu-me o mais lógico a fazer, já que não saberia nem como começar a contar a ela o que, de fato, ocorrera.

– O sinhô faz um favô pra mim, seu Zé? Se ele aparecê ou o sinhô soubé dele, me avisa?

Ela me entregou um pedaço de papel com um número de telefone anotado.

– Aviso sim – respondi, solidário. – Espero que o encontre logo, Maura.

Uma lágrima solitária escorreu quando ela se virou. Observei-a passar por entre as mesas, atraindo diversos olhares indiscretos que a escoltaram até a saída. Com uma mulher daquelas, a atenção que Ari dava ao caminhão parecia ainda mais doentia. Essa constatação fez com que eu ligasse todos os pontos: o que eu vira em seus olhos ao deixá-lo em casa era esperança. Se Aristides acreditou na história do Tônico, deve ter ido à Fazenda Azul atrás da carreta.

Passei o restante da noite pensando se eu devia ou não ir procurá-lo. Era improvável que Aristides tivesse encontrado a Alzira, ou então já teria aparecido. Ele poderia ter sido assaltado ou atropelado no caminho, ou até mesmo ter fugido da vergonha de perder tudo. Por outro lado, eu me sentia como uma espécie de cúmplice silencioso de seu desaparecimento. Ainda mais depois de mentir para a Maura.

Fechei o bar no horário de costume, porém não consegui ir para casa.

O percurso até a estradinha da Fazenda Azul não levou nem vinte minutos. Difícil foi encontrá-la na escuridão. Descobri que a descrição do Tónico fora bastante precisa. A mata era mesmo bem fechada naquele trecho e não havia qualquer iluminação ou sinalização. A entrada não passava de uma pequena boca negra à margem da rodovia. Achei que tinha entrado na trilha errada, mas logo avistei os primeiros caminhões. Estavam parados em fila única ao longo da estradinha, grudados um no outro de tal forma que era impossível um caminhão sair dali sem que todos manobrassem. O caminho ia se estreitando mata adentro e, algumas centenas de metros à frente, estava bloqueado pelos veículos. Considerei retornar e ir embora. Por fim, a curiosidade venceu e resolvi prosseguir a pé.

Antes de avançar, esperei que os meus olhos se habituassem à escuridão. Enquanto caminhava, pude observar melhor os integrantes daquela estranha carreira. Os caminhões, de todos os tipos e tamanhos, ostentavam placas de diversas regiões. Alguns eram de estados vizinhos. Os vidros embaçados pelo frio conferiam à cena um aspecto sombrio. Um calafrio atravessou-me a espinha, embora eu estivesse convencido de que havia uma explicação racional para tudo aquilo. Passei por várias carretas Scania, mas não saberia dizer se alguma delas era a do Ari. Testei algumas portas. Trancadas. Isso já serviu para acalmar um pouco o meu coração. Os caminhões foram estacionados ali, e não abandonados.

A fila terminava em um largo pátio, em frente ao que restava da casa grande da antiga fazenda. Na outra extremidade do descampado, alguns tratores e máquinas de construção descansavam ao relento, indicando que a hipótese da fazenda ter sido vendida, levantada por Aristides, poderia ser mesmo verdadeira.

A casa colonial, muito antiga, estava em ruínas e parecia fundir-se à escuridão. A mata ao redor da casa estava mergulhada em absoluto silêncio. Não se ouvia sequer uma cigarra e isso me deixou de pelos e orelhas em pé. As janelas arrebatadas me encaravam como olhos vazados por debaixo do alpendre destelhado. As escadas que levavam à entrada, no entanto, estavam intactas. Abaixo delas, as aberturas dos porões revelavam o passado escravagista da propriedade.

Decidi explorar a construção para ver se encontrava algum sinal do Ari ou de quem conduziu os caminhões até ali. Subi os degraus carcomidos, pensando no ridículo daquela situação. Eu tinha andado quase dois quilômetros a pé para ir até uma fazenda assombrada, de madrugada, procurar um cara que eu mal conhecia e que não tinha certeza de que estaria lá. E agora estava prestes a entrar sozinho e sem lanterna em uma casa na qual não entraria nem de dia. Em todos os filmes de terror que eu assisti, esse tipo de atitude sempre acabava mal. Não consegui conter um sorriso. Se eu não acreditava em Deus, por que deveria temer o Diabo?

A porta da frente estava apenas encostada, e cedeu sem dificuldade. O telhado da ampla sala principal tinha ruído quase que por completo, restando apenas umas poucas vigas. Logo que entrei, dei de cara com um retrato de corpo inteiro do Bento Carvalho. A pintura estava bastante desbotada pela ação do tempo, mas a expressão rigorosa do fazendeiro ainda transmitia um vigor impressionante. Caminhava tomando o máximo de cuidado, sentindo as tábuas do assoalho rangerem de maneira perigosa sob meus pés.

Pelos cômodos, encontrei apenas poeira e entulho. Não havia o menor sinal de presença humana recente.

Foi então que eu percebi o tique-taque monótono de um relógio. A princípio quase inaudível, o som parecia ficar mais alto a cada segundo. Algo se arrastou em minha direção. O que quer que fosse, parecia estar embaixo de mim. E era bem rápido. Tomado pelo desespero, corri para a saída. Mas, antes que eu pudesse alcançá-la, o assoalho cedeu.

Despenquei, atingindo o chão de maneira ruidosa e dolorida. Meus tornozelos sangravam, cobertos de farpas. Olhei em volta. Estava em um pequeno compartimento do porão. Uma espécie de cela onde os escravos dormiam. Havia algo de errado com o piso daquele lugar. Estava forrado de objetos de metal. Apanhei um deles para ver o que era. Um molho de chaves. Centenas deles espalhados pelo chão. Por instinto, revirei os meus bolsos em busca das chaves do meu carro. Não estavam mais lá, que ótimo! Em compensação, encontrei o meu isqueiro. Por que não me lembrara dele antes? Tentei me levantar, mas fui derrubado com violência. Um grito pavoroso ecoou na escuridão:

– Devolve minhas chaves, Demônio! Devolve!

A figura negra em cima de mim pressionou uma espécie de barra contra a minha garganta e o mundo escureceu. Se eu não fizesse nada, morreria em questão de segundos. Concentrei todas as minhas forças em uma manobra raivosa, usando as duas pernas para empurrar aquela coisa para longe de mim. A pressão sobre o meu pescoço afrouxou e eu consegui erguer a cabeça para ver a sombra cambalear e tombar contra a parede oposta. Ao estrondo seguiu-se o barulho úmido e aflitivo de carne rasgando, e a figura não se moveu mais. O silêncio voltou a reinar. Lembrei do isqueiro em meu bolso e o usei para ver o que me atacara. A chama azulada clareou o porão como um relâmpago e eu descobri, fincado em uma viga partida, o corpo do Aristides. Uma gargalhada profunda se

ergueu, fazendo vibrar as estruturas da casa. Tratei de encontrar a saída dali. Precisava por um fim naquilo tudo.

Já do lado de fora, encontrei, próximo às máquinas de construção, um galão cheio de combustível. Reunindo toda a coragem que ainda me restava, corri para dentro da casa, espalhando o líquido por todos os cantos. Ao passar pelo retrato do Bento Carvalho, percebi que um líquido espesso escorria da parede preenchendo-lhe a silhueta desbotada. Quando passei de novo por ele, saindo da casa, o retrato estava estufado, como se o fazendeiro fosse desprender-se da parede. Usei o isqueiro para botar fogo em minha própria camisa e a atirei no assoalho. Uma grande labareda se formou, espalhando-se rapidamente pela madeira velha e ressecada do piso.

Fiquei parado no pátio por alguns momentos, olhando a casa se transformar em uma enorme fogueira. Só me permiti ir embora quando tive certeza de que não sobraria nada daquela construção maldita.

Ao virar-me, uma surpresa. Da entrada da estradinha, dezenas de faróis acesos me encaravam. Eu estava cercado. Ligados, os caminhões aceleravam, provocando um rugido ensurdecedor. Uma gargalhada maldosa ecoou das chamas atrás de mim. Eu tinha atrapalhado os planos de vingança do fazendeiro e agora ele me faria pagar.

Biografia



Paulo Fodra nasceu e vive em São Paulo. Formou-se arquiteto, mas trabalha com marketing e branding. É também músico, membro da banda Chevy 69, arqueiro e leitor compulsivo. Viciado na agitação da metrópole, escreve para se livrar das vozes que moram em sua cabeça. Mantém o twitter @paulofodra e divulga seus contos fantásticos no site www.paulofodra.com.br.

Leia também...



DEUS EX MACHINA - ANJOS E DEMÔNIOS NA ERA DO VAPOR

[eBook e papel]

Antologia Steampunk

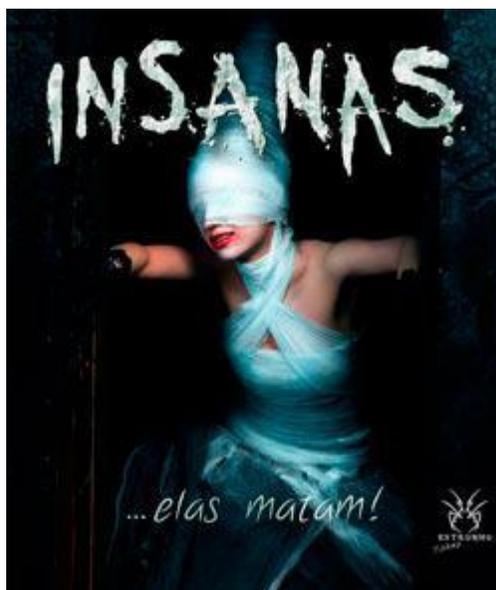
Vários autores

O autor Paulo Fodra participa com o conto "A Seita do Ferrabraz"

Os calendários são simplesmente ignorados por aqueles que combatem pelo bem ou pelo mal, numa guerra sem vencedores. As grandes batalhas distribuem louros entre os dois lados, em uma dança milimétrica da balança. Mas esse equilíbrio esteve ameaçado em uma época em que a elegância do vestuário das senhoras e cavalheiros convivia, não sem uma ponta de contradição, com o peso e a estranheza dos acessórios e equipamentos utilizados por uma civilização que começava a descobrir as maravilhas da tecnologia.

Anjos e demônios escolheram aquele tempo, utilizando-se de todos os artifícios armamentos e equipamentos possíveis, e encenaram algumas das mais terríveis batalhas de que a humanidade já presenciou. De conflitos e duelos isolados a confrontos sangrentos entre os exércitos das trevas e da luz.

Mais informações em www.estronho.com.br/deusex



INSANAS... ELAS MATAM!

[eBook e papel]

Várias Autoras

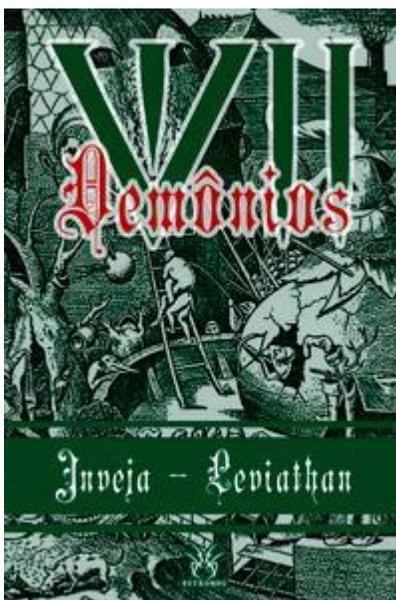
Contos de terror escritos só por mulheres

A antologia Insanas tirou dessas mulheres o que elas têm de mais cruel de dentro delas. Nem nos piores dias de TPM da sua namorada ou esposa você poderia imaginar tanta violência, descontrole e sadismo.

Autoras convidadas: Carolina Mancini, Celly Borges e Suzy M. Hekamiah

Textos recheados de crueldade, tortura, sangue, terror, sexo, sadismo, traição, ambição extrema, morte e muito mais. Tudo fruto dessas mentes cruéis. Elas produziram as mais insanas escritas e mostraram do que são capazes. Sexo frágil? Não... Elas podem ser cruéis quando querem.

Mais informações em www.estronho.com.br/insanas



SÉRIE VII DEMÔNIOS

[eBook e papel]

Diversos autores

Antologia de contos fantásticos

Em 1589, o demonologista e teólogo Peter Binsfeld, fez a ligação de cada um dos pecados capitais a um demônio, que supostamente seria o responsável por invocar tais pecados. O padre, que esteve envolvido nas caças às bruxas, autor de "A Confissão de Warlocks e Bruxas", afirmou ainda que outros demônios poderiam invocar o pecado, como Lilith por exemplo.

Na Série VII Demônios, o desafio dos autores foi o de criar contos envolvendo cada um dos sete pecados, com um toque especial, preferencialmente voltado à literatura fantástica.

A série foi dividida em 7 (sete) volumes, sendo um para cada demônio/pecado.

Mais informações em www.estronho.com.br/viidemonios



ESTRONHO

≡ editora

... tudo, até literatura!

www.editora.estrinho.com.br

Twitter: @estrinho

Table of Contents

[Capa](#)

[Antífona Lúgubre](#)

[A Frota do Diabo](#)

[Biografia](#)

[Editora Estronho](#)

Table of Contents

[Antífona Lúgubre](#)
[A Frota do Diabo](#)
[Biografia](#)
[Editora Estronho](#)